

ANTICLERICALISMO E MILITÂNCIA SINDICAL: O PERIÓDICO ANARQUISTA A LANTERNA E SUA AÇÃO ENTRE OS TRABALHADORES EM SÃO PAULO (1901-1914)

Kauan Willian Dos Santos¹

Resumo

Este artigo busca analisar historicamente o periódico anarquista *A Lanterna*, nos anos de 1901 a 1914, visando compreender sua ação entre os trabalhadores na cidade de São Paulo. Nesse sentido, a análise vai se concentrar na transição de suas estratégias políticas e de propaganda, primeiramente focadas no anticlericalismo e depois na participação e ação de orientação sindical. A hipótese apresentada é que o periódico em questão era tanto o resultado de uma ideologia difundida internacionalmente, quanto adaptada às condições concretas, e, nesse sentido, foi uma plataforma essencial para a militância operária de orientação anarquista no período.

Palavras-chave: Anarquismo. Sindicalismo. Movimento operário. Anticlericalismo.

Movimento operário, anarquismo e imprensa operária na Primeira República em São Paulo.

Em tempos recentes, assistimos à produção intensa de trabalhos acadêmicos voltados cada vez mais em evidenciar a grande heterogeneidade ideológica, cultural e política do operariado no contexto da Primeira República.² Através disso é percebido que muitos trabalhadores nesse período nem sequer assumiam uma coesa identificação ideológica e também é ilusório afirmar que estes possuíam uma consciência de classe almejando o fim do sistema burguês. Forçar ou maximizar uma politização concreta, homogênea e difundida entre todos os setores e classes sociais no período se torna um exercício errôneo³.

Não obstante, é impossível, em um extremo oposto, julgar o conjunto desses

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente estuda periódicos operários em São Paulo no contexto da Primeira República no Brasil sob a orientação da Profa. Dra Edilene Toledo. Email: kako_belmont@hotmail.com

² Ver SAVAGE, Mike. "Classe e História do Trabalho". In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre(orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 25-48 ; SCHMIDT, Benito. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868 – 1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1996; TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário - Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

³ Ver SAVAGE. Op. cit. p. 25-48.

personagens como passivos ou inconscientes políticos e ignorar a organização e ação de muitos em torno de visões de mundo, que eram de fato expressivas. Embora, diversas vezes, esquecidos ou considerados como “pré-políticos” ou “sem propostas eficazes” por historiadores⁴ e outros políticos⁵, a presença de uma ação militante nesse período dentro do movimento operário em São Paulo e em outras cidades no Brasil foi bastante complexa e detinha uma força de contestação muito forte. Tal movimento nunca foi homogêneo e reuniu socialistas, anarquistas, sindicalistas reformistas e revolucionários ou pessoas que apenas simpatizavam com teorias libertárias.⁶

Invocando pesquisadores como Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, contestamos todo o tipo de trabalho acadêmico que pressupõe um modo ideal de como a classe operária deveria se comportar e conseqüentemente distorcem a possível consciência real e prática que os trabalhadores possuíam durante o contexto analisado⁷:

O que propomos é o esboço de uma interpretação, que ao invés de culpar as vítimas ou privá-las da capacidade de ação autônoma, procure dar conta da história da classe operária e do movimento operário como resultado de lutas concretas. Enquanto a história da burguesia brasileira foi objeto de considerável pesquisa nos anos recentes, o foco da bibliografia continua ser sua relação com o Estado: as lutas com os operários são geralmente tratadas fugazmente, se muito.⁸

Quando estes adentraram as próprias fontes deixadas pelos trabalhadores como periódicos operários, resoluções de boletins de congressos, comícios e muitos outros documentos, observaram a grande complexidade e importância das práticas políticas que ainda estavam para ser analisadas e revistas historicamente.

No presente texto, ressaltamos a importância que os ideais anarquistas

⁴ Boris Fausto aponta a debilidade do movimento operário e seu fracasso político em seu primeiro momento. Para o autor, tal fato provinha da posição secundária da indústria, da exclusão dos trabalhadores da política e do movimento anarquista que se baseava em críticas morais e não propunha táticas avançadas de alianças, contribuindo para o isolamento do proletariado estrangeiro e aumentando o poder das classes dominantes no período. FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo: Difel, 1977.

⁵ Astrojildo Pereira que posteriormente trocava o anarquismo pelo comunismo, tratou de dividir o movimento operário em uma fase inconsciente e prematura, marcada pela predominância dos libertários, e outra fase, para este madura e politicamente engajada, trazida com o nascimento do Partido Comunista. PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: ed. Ciências Humanas, 1980.

⁶ Ver BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O Movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

⁷ HALL; PINHEIRO. *Op. cit.* p. 96-120.

⁸ *Ibidem*, p. 111

representaram nesse período entre os imigrantes e operários que muitas vezes foi o principal vetor para reclamar uma participação social e política. Nesse sentido, a historiadora Edilene Toledo nos mostra que:

No contexto do Brasil da Primeira República, as reivindicações operárias, influenciadas, em parte, pelo anarquismo, eram também um esforço de criação de uma cultura de democracia, porque muitas vezes as lutas não visavam somente melhorar salários e reduzir jornadas de trabalho, mas assegurar o direito à própria existência, ou seja, garantir condições de democracia e de civilidade onde o movimento e a organização dos trabalhadores pudessem ser reconhecidos como um elemento legítimo na sociedade.⁹

A perspectiva no presente texto não é maximizar os efeitos da atuação libertária no contexto e muito menos excluir a possibilidade de outros projetos políticos entre os trabalhadores, mas de evidenciar a própria importância do anarquismo na configuração do movimento operário, não podendo ser excluído para o entendimento da formação da classe operária.

Desde o final do século XIX, o Brasil começava a receber os primeiros imigrantes anarquistas que deixariam traços profundos no movimento operário. Entre eles estavam o português Neno Vasco, os italianos Oresti Ristori, Giulio Soreli, Gigi Damiani, Luigi Magrassi, Angelo Bandoni e também outros nascidos no país como Benjamin Mota. Tais militantes participaram ativamente da vida política de São Paulo, denunciando a exploração da mão-de-obra imigrante nas fábricas e fazendas e incentivando a organização e a ação direta.¹⁰

A partir de 1900, a organização operária começa a se solidificar, apresentando as primeiras ligas operárias, greves e manifestações. Nesse período em São Paulo, uma série de novos periódicos libertários começam a circular pela cidade como *O Grito do Povo*, *Palestra Social*, *A Lanterna*, *Germinal*, *La Nuova Gente*, *O Amigo do Povo*, *O Livre Pensador*, *L'Asino*, *La Battaglia*, *Azione Anarchica*, e outros títulos que adentravam o movimento operário a fim de estabelecer uma propaganda de libertação tanto econômica quanto moral ou mesmo para a melhoria das condições existentes.

⁹ TOLEDO, Edilene. "Trazemos o novo mundo em nossos corações: os anarquistas e o esforço de construção de uma cultura alternativa em São Paulo na Primeira República." In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* • São Paulo, julho 2011.

¹⁰ TOLEDO, Edilene. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo-Campinas, 1993. p. 23-36.

As perseguições policiais são um fator importante para entender a grande influência de tais periódicos. Os constantes empastelamentos e prisões de militantes desde o final do século XIX e reforçados no período das greves, revelam o temor das classes altas, inclusive as ligadas aos poderes políticos e econômicos do período, do efeito da propaganda libertária no movimento operário.¹¹

Mais uma importante amostra da grande circulação que tais ideias poderiam circular entre operariado é a própria quantidade de impressões que estes jornais possuíam. *O Palestra Social*, por exemplo, publicado entre 1900 e 1901, ofereceu uma tiragem de 1.200 nestes anos, e também o periódico *La Battaglia*, fundado em 1904, que ofereceu uma tiragem de 5.000 exemplares.¹²

Construindo uma nova sociedade: o anticlericalismo sob a ótica libertária.

O Anarquismo¹³, movimento que emerge das lutas operárias do século XIX, tanto como teoria política quanto na sua própria prática¹⁴, sempre buscou construir uma sociedade igualitária que contenha uma nova consciência moral, política e econômica, contrários ao avanço do sistema capitalista de produção, do centralismo do Estado nacional e da alienação religiosa e cultural, considerados como a tríade da desigualdade para os libertários.

Um dos principais representantes dessa questão em São Paulo era o periódico *A Lanterna*¹⁵, fundado por Benjamin Mota, um militante anarquista, advogado e jornalista. A partir desse instrumento criado em 1901, tal personagem e outros

¹¹ Ver SILVA, Rodrigo. As ideias como Delito: "A imprensa anarquista nos registros do DEOPS-SP (1930-1945)". IN: DEMINIUS, Rafael; REIS FILHO, Daniel (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p. 113-131.

¹² LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo- Campinas, 1999. p. 20.

¹³ O conceito de anarquismo a que me refiro é o denominado "anarquismo libertário", doutrina formulada a partir de meados do século XIX. Magnani afirma que o anarquismo é uma: "(doutrina) que se insere no conjunto de ideias socialistas que se originaram das contradições inerentes à sociedade capitalista, onde a "organização política repousa sobre os princípios eternos da liberdade, da igualdade e da fraternidade, enquanto a vida social é dominada pela escravidão econômica, pela desigualdade social e pela luta de classes". MAGNANI, Silvia Lang. *O movimento anarquista em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 56

¹⁴ SILVA, Rafael Viana da. *Indelévels Refratários: as estratégias políticas anarquistas e o sindicalismo revolucionário no Rio de Janeiro em tempos de redemocratização (1946-1954)*. Dissertação (Monografia em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 23.

¹⁵ Ver FIGUEIRA, Cristina Aparecida. "A Trajetória de A Lanterna – Anticlerical e de combate (1901-1917): um lugar de memória da propaganda social anarquista". In: _____. *O cinema do povo: um projeto de educação anarquista (1901-1921)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

redatores atacavam os principais fundamentos dogmáticos e práticos da Igreja, que consideravam hipócrita e responsável, juntamente com o capitalismo e com o Estado autoritário da Primeira República, pela desigualdade social.¹⁶ Já na primeira publicação do periódico em 7 de março de 1901, *A Lanterna* apresenta a tiragem de 10 mil exemplares e era publicado aos sábados com quatro páginas e seis colunas.

É interessante notar que sua primeira fase, de 1901 a 1904, não reunia somente leitores anarquistas. Suas críticas ao abuso moral e financeiro das autoridades religiosas faziam com que muitos anticlericais em geral, como maçons, espíritas, socialistas e simpatizantes lessem o periódico. Observe o tom de sua crítica a seguir:

É na exploração dos crentes, é na opressão das classes, é na especulação, é no ataque às liberdades públicas e é no obscurantismo que ela encontra os mais sólidos alicerces de seu poder: os seus representantes fazem da Igreja um negócio e do altar um balcão.¹⁷

Dessa maneira, durante esse período, o periódico em questão foi atraindo gradativamente adeptos variados, aumentando as cópias vendidas e ampliando sua propaganda contra os abusos cometidos pelos clérigos.

Para além da denúncia escrita, diversas imagens eram usadas para figurar e mostrar a exploração que a Igreja exercia sobre a sociedade. Esse recurso foi bastante usado, era uma ferramenta que proporcionava uma melhor compreensão do leitor e também eficaz para aquelas que ainda não liam o idioma português ou não letrados:

¹⁶ Para uma análise detida de *A Lanterna* ver OLIVEIRA, Walter da Silva. *Narrativas à luz de A Lanterna: anticlericalismo, anarquismo e representações*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

¹⁷ BISTORI. "A Lanterna em Jacarehy". *A Lanterna*. São Paulo, 6 de agosto de 1910. p.03.



18

É bastante interessante a relação simples que o periódico faz sugerindo uma relação de subordinação que os grandes proprietários teriam em relação ao poder episcopal. Esse fato foi bastante explorado pelo periódico em questão transformando-o em um das principais mobilizadores críticos dessa questão entre os trabalhadores.

A partir dessas constatações preliminares, trabalhos recentes sugerem o suposto caráter cientificista que tais periódicos anarquistas anticlericais pudessem possuir quando assumiam esse viés. Em uma perspectiva que se pretende cultural, autores dotados dessa visão constataam a semelhança que estes apresentavam com os discursos médicos do período, que por sua vez, julgavam a alienação religiosa como loucura ou desvio de uma ótima conduta racional. Nesse viés, é apontado não só a influência de possíveis teorias anarquistas para a construção dos jornais, mas de possíveis discursos fortemente enraizados na sociedade brasileira no período. Observe a informação dada pelo historiador Rodolfo Conto em sua dissertação:

Assim como nos principais jornais da época, a constante utilização de analogias com o corpo humano, com as doenças e epidemias que proliferavam no meio social durante o início do século XX, aparece como resultado direto de uma pretensa cientificidade defendida nos principais círculos intelectuais. Ciência para tratar os efeitos da criminalidade – como no desenvolvimento da Antropologia Criminal –, Ciência que entendia a Nação como um corpo doente, originando as várias intervenções médicas

¹⁸ A Lanterna. p.1 25 de maio de 1912.

sobre o organismo social, Ciência para libertar os homens da alienação provocada pela religião. Religião que vendava, amordaçava, produzindo indivíduos submissos e conformados com a sua situação social. Todas estas visões apareciam subjacentes no discurso anarquista, como pontos a lembrar constantemente que a origem do mal existia, estava presente na vida de todos e podia ser eliminada. Conforme a concepção dos periódicos libertários, o único meio de salvação do operariado do regime de opressão no qual estava inserido seria a sua emancipação intelectual, realizada por intermédio da Razão, distante dos dogmas nefastos impostos pela religião católica.

[...] A correspondência entre doença e religião, mais que um mero recurso estilístico ou formal, evidencia as influências sofridas pelos redatores dos periódicos anárquicos em uma época em que se procurava sanar o ambiente social e a sociedade era compreendida a partir do modelo do corpo humano e, deste modo, passível de ser modificado.¹⁹

Embora pesquisas como essa reafirmem métodos avançados para suas análises, a questão específica parece ser tratada de forma bastante equivocada. Primeiro, é que o caso presente ignora a própria condição militante que tais jornais assumiram durante os anos de suas publicações. Veículos de informação e de combate como *A Lanterna*, *La Battaglia*, *La Propaganda Libertária*, *O Amigo do Povo* e muitos outros eram portadores em potencial de projetos políticos, sociais, sindicais e de representação operária, sobretudo. Mais do que isso, a maioria dos redatores em questão estavam envolvidos em formulações emergenciais decorrentes da vivência em ambientes trabalhistas. Nesse sentido, observe a posição da autora Yara Khoury:

As lutas dos trabalhadores na primeira metade do século XX tem no jornalismo, para os militantes um forte instrumento: melhor dizendo, fazer jornalismo, para os militantes, significou organizar-se em movimento, que supunha observar e questionar a realidade, noticiar e comentar os acontecimentos e discutir os problemas vividos, articular e difundir propostas, apresentar formas de organização e de encaminhamento de suas lutas.²⁰

Para a autora, compreender o movimento operário e os instrumentos que condensavam suas opiniões significa perpassar pela própria história de vida dos agentes históricos que estavam envolvidos nesse processo. Uma análise que se pretende social, coloca tais personagens como centrais na problemática levantada e nessa perspectiva, suas próprias razões de escrita e experiências anteriores

¹⁹ CONTO, Rodolfo. *“Caminhos libertários e partilhas culturais”: O Jornal La Battaglia e a formação da intelectualidade anarquista*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 2007.

²⁰ KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil”. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889- 1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 115

estabelecidas por uma rede de contato, essas com caráter essencialmente militante. Nesse viés, o historiador inglês Edward Thompson continua:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.²¹

Assim, quando Conto afirma buscar as influências culturais de tais jornais, parece ignorar a maior força que resultava na publicação destes, as próprias condições materiais bem como suas principais práticas de organização estabelecidas por uma linguagem de reconhecimento enquanto grupo. E não é necessário avançar muito, inúmeros documentos desde resoluções de congressos, a própria imprensa operária ou direitista e até mesmo relatos biográficos facilmente evidenciam tal perspectiva.²²

Não está sendo excluída a hipótese responsável em revelar a força que tais discursos médicos alcançavam entre vários setores da população²³ e muito menos se pretende maximizar ou purificar a ação dos personagens em questão, estes que estavam de fato influenciados pelo seu meio e compartilhavam opiniões difundidas em seu tempo e espaço. Mas exatamente por isso não é possível ignorar tal condição subversiva e combativa em que tais veículos estavam inseridos que eram exatamente contrários à cultura dominante, incluindo os próprios discursos higienizadores do período oitocentista e sua visão reprodutora de injustiças sociais e valores hierárquicos.

Portanto, fica evidente o problema eminente em descontextualizar o objeto (no caso, periódicos anarquistas anticlericais) de sua própria condição de produção, de leitura e das influências práticas e ideológicas que moviam a confecção de tais jornais. Se estes possivelmente agregavam ideias provenientes de setores dominantes, agregavam muito mais uma linguagem essencialmente operária e revolucionária que tinha o anarquismo como sua principal referência normativa, o seu verdadeiro

²¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 Ed. p. 9

²² Tais documentos podem ser encontrados de forma digitalizada no Arquivo Edgard Leuenroth na Universidade de Campinas, Estado de São Paulo.

²³ Ver SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

meio de produção.

Nesse viés também não é possível afirmar que a única saída da libertação humana na visão dos libertários “é a redenção intelectual”. A história dessa teoria política e da prática anarquista enraizada no nascente movimento operário em São Paulo²⁴ mostra que suas ações estavam igualmente contrárias aos modelos econômicos e políticos vigentes, esses de peso igualmente considerável para a construção de uma nova sociedade. Seus discursos, de fato, tem como referência e tradição muitas experiências anteriores e a influência de filosofias racionalistas²⁵, mas na realidade é fruto de uma luta e uma condição material e política concreta que reclama participação social. Nesse ponto, é assertiva a análise do historiador Rafael Viana quando busca o surgimento do movimento anarquista:

O anarquismo surge desta efervescência das lutas dos trabalhadores na segunda metade do século XIX, num quadro de desenvolvimento industrial e tecnológico sem grandes precedentes, mas também como anteriormente mencionado, de formação de uma consciência de classe que envolve sistemas de referências, valores e tradições, que possuem raízes em lutas anteriores. Muito mais do que uma mera construção teórico-filosófica, o anarquismo fincou sua raiz exatamente no interior das discussões sobre quais seriam os meios de se atingir a sociedade socialista: discussões que se davam no contexto das lutas da classe trabalhadora.²⁶

Nessa perspectiva, outro erro apresentado na análise de Conto é supor uma relação de afastamento entre redatores versus trabalhadores, uma decisão conceitual bastante estranha se pensarmos nas pretensões e causas que os jornais em questão estavam inseridos. Dessa maneira, saliento que os militantes que estavam nos bastidores do periódico *A Lanterna* baseavam suas críticas na própria prática e nas condições sociais concretas, enxergando a Igreja Católica e sua influência política como nocivos à construção de uma sociedade mais justa, representando igualmente um entrave ao melhoramento de vida dos trabalhadores. Mas também estavam inseridos e se viam como resultado de um projeto e uma ideologia internacionalmente difundida.²⁷ Ou seja, embora o anticlericalismo reunisse como leitores diversas orientações ideológicas, era completamente justificado do ponto de

²⁴ LOPREATO, Christina. *O Espírito da Revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.p. 13.

²⁵ BARROS, Monique. *As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo- Campinas, 1979. p. 7.

²⁶ SILVA. *Op cit.* 2011, p. 23.

²⁷ Ver TOLEDO, Edilene. A Trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA; REIS. *Op.cit.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 57-62

vista anarquista.

Mikhail Bakunin, um influente teórico do movimento anarquista e que deu consistência internacional para este²⁸ apresentava fortemente um completo repúdio religioso em seus escritos. Observe em um de seus textos:

Negação da existência de um Deus real, extra-mundial, pessoal e, portanto, de qualquer revelação e de qualquer intervenção divina nos negócios do mundo e da humanidade. Abolição do serviço e do culto da divindade. Substituindo o culto de Deus pelo respeito e o amor da humanidade, declaramos a razão humana como critério único de verdade; a consciência humana como base da justiça; a liberdade individual e coletiva como criadora única da humanidade.²⁹

Ou seja, sua estratégia era um ponto fundamentalmente ideológico e teórico, não com olhos médicos ou higienistas mas com um viés revolucionário e de ruptura. Ou seja, o anticlericalismo do ponto de vista anarquista, mesmo com influências racionalistas, tinha um caráter prático de libertação e foi teorizado enquanto prática política e ideológica, que tinha como prisma, a libertação dos trabalhadores contra as práticas clericais ligadas aos poderes burgueses e estatais.

Do anticlericalismo à ação sindical: a nova fase do periódico A Lanterna.

Em 1909 é Leuenroth³⁰ que passa a publicar *A Lanterna* continuando as críticas anteriores, mas amplia notícias de pautas operárias transformando a ação direta e a orientação grevista como principal vetor dessa nova fase. De um lado, continuando suas críticas, não distanciava os anticlericais em geral da leitura, de outro, aproveitando que *A Lanterna* tinha bom alcance, ampliava sua propaganda política pela causa operária, esperando educar politicamente seus leitores.

Acompanhando a trajetória de Leuenroth³¹ é notório que o militante sempre esteve em meio às pautas dos trabalhadores e ao mesmo tempo havia trabalhado com importantes militantes anarquistas como Benjamin Mota, Neno Vasco e Gigi Damiani. Assim obteve um bom contato com essa ideologia, fato perceptível desde os primeiros periódicos com que estava envolvido. Com efeito, tinha consciência

²⁸ Idem.

²⁹ BAKUNIN, Mikhail. *Textos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p.63

³⁰ KHOURY, Yara Aun. "Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil". In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Op. Cit.*

³¹ Para mais informações da biografia de Leuenroth ver NOBRE, Freitas. *Leuenroth - personagem que escreve*. In: A organização dos jornalistas brasileiros - 1908-1951. São Paulo: Com Arte, 1987.

empírica tanto dos problemas dos trabalhadores e suas pautas de reivindicações quanto com as propostas dos anarquistas naquele momento.

Para tal, Leuenroth criou a coluna *Vida Operária* em 1911 transformada mais tarde em *Mundo Operário*, mesmo título apresentado no jornal *A Plebe*. Esta era destinada a discutir e noticiar os problemas envolvendo trabalhadores bem como suas pautas em greves e reivindicações. Tal fato fez com que o periódico ganhasse mais importância em meio ao operariado. Observe o tom de urgência que Leuenroth expõe na nova fase do periódico:

Urge, portanto, que os interessados, os trabalhadores e o povo em geral se agitem em defesa dos seus interesses, única maneira de serem respeitados os seus direitos à vida.
[...] É necessário agir prontamente, vir à praça pública protestar contra este insustentável estado de coisas.³²

Outra importante ação destinada à causa operária nessa fase era a coluna *De porta da Europa* assinada por Neno Vasco por correspondência. As notícias do movimento operário na Europa vinham com uma perspectiva revolucionária:

Os grevistas falam francamente em *guerra de trabalho*; e com igual franqueza os diretores da indústria declaram não ceder por uma questão de princípio. Estamos chegados – proclama um deles – a um momento, na história da humanidade como na das nações, em que não é possível continuar no sistema das concessões, mas sim entregarmo-nos à sorte das grandes batalhas.³³

Leuenroth não queria romper com os antigos leitores do periódico, claramente anarquistas e anticlericais em geral, mas trazer e agregar diversas críticas contra a dominação e exploração dentro de um contexto preciso. Também queria conquistar novos leitores e reformular o periódico considerando condições efetivas de militância.³⁴

³² A liga popular contra a carestia de vida. “Contra a carestia da vida”. *A Lanterna*. p.3. 19 de abril de 1913.

³³ Neno Vasco. “Da porta de Europa”. *A Lanterna*. p.1 16 de setembro de 1911.

³⁴ Tais argumentos estão presentes na análise da ação educativa do periódico analisadas por Ody Gonçalves. O autor expõe: “A estratégia dos editores de *A Plebe* foi muito inteligente, pois, se por um lado era preciso garantir que o público leitor de *A Lanterna* continuasse lendo *A Plebe*, por outro, era preciso arregimentar novos leitores. Daí a aparente contradição de Leuenroth que por um momento afirma: “*A Plebe* é a própria *A Lanterna*”, e depois rompe completamente com o periódico anticlerical, afirmando que, além de *A Plebe* surgir com uma “nova feição”, possui uma “esfera de ação mais vasta”, de “mais amplos horizontes”. *A Plebe* surge, portanto, com o claro objetivo de ampliar o público leitor do jornal, tendo como principal preocupação deixar claro que a luta não era apenas contra o “obscurantismo intelectual e moral” produzido pela Igreja, mas que essa luta se estendia a

Por isso é interessante observar em sua nova fase a gradativa inserção da luta sindicalista do periódico:

E afirmando os seus direitos, como membros uteis e produtivos da sociedade, a uma existência mais equitativa, dirigem um caloroso apelo a toda a classe operaria para que se organize com o fim de defender os seus direitos e conquistar a sociedade onde todos trabalhem para que seja garantida a todos e a cada um dos membros da coletividade humana o necessário á sua existência.³⁵

Podemos observar que tal coluna foi assinada pelos sindicatos operários como de ofício e de pedreiros, pela *União de Chapeleiros*, pelo *Centro Socialista Internacional* e pelo *jornal Avanti!*, pelo *Centro libertário de São Paulo*, *Grupo Libertário da Lapa* e o periódico anarquista *La propaganda Libertária*. Tal fato é uma grande evidência de que o jornal *A Lanterna*, a partir dessa nova fase, não se resumia à crítica religiosa específica, mas já apresentava uma militância operária cada vez mais evidente e com associações de orientações políticas diversas e experientes entre os trabalhadores. Isso trouxe ótimas heranças estratégicas para a criação e sucesso de *A Plebe*, um dos principais periódicos nas manifestações de 1917.³⁶

O periódico *A Lanterna* ainda desejava aumentar os efeitos da *Confederação Operária Brasileira* (COB) que reuniu diversas federações nacionais e de indústria ou de ofício, uniões locais ou estaduais de sindicatos que faziam resistência contra a exploração dos trabalhadores.³⁷ Observe no trecho a seguir:

Há, pois, que reanimar, que revivificar a nossa obra. É agora, mais que nunca, se torna necessário intensificar e estender a ação da C.O.B, a C.O.B, sois vós são os vossos sindicatos, as vossas associações. Em vós, todos, portanto, está a potencia capaz de lhe dar o vigor indispensável. E assim que vos dirigimos esta circular, apelando para vossa boa vontade, para o vosso dever sindical, no sentido duma colaboração metódica e energética na vida da C.O.B. Trabalhai dentro da vossa associação, agitai a vossa classe, animai o movimento nessa localidade, e deste modo é que contribuirei eficazmente para o bom andamento dos trabalhos da C.O.B.³⁸

Podemos concluir que o tipo de associação sindical que *A Lanterna* se

todo e qualquer tipo de dominação e exploração imposta ao trabalhador." GONÇALVES, Ody Furtado. *Trajetória e ação educativa do jornal A Plebe* (1917- 1927) In: Revista de estudos da Educação, Quaestio, v.6, h. 2, UNISO, 2004. p. 3

³⁵ A Lanterna. p.2 22 de agosto de 1914.

³⁶ A Lanterna. p.2. 22 de agosto de 1914.

³⁷ Ver TOLEDO. *Op.cit.* 2004, p. 88-91.

³⁸ Mundo operário. A Lanterna. P.3 27 de fevereiro de 1915.

propunha não era explicitamente anarquista ou uma associação sindical que se resumia à participação e a adesão de libertários. A proposta maior se referia ao tipo de sindicato que priorizava e julgava mais eficaz a união de diferentes orientações ideológicas e políticas para a construção de uma força operária, o chamado sindicalismo de orientação revolucionária.³⁹ Além disso, seria mais benéfico do ponto de vista estratégico para esses redatores e militantes uma propaganda maior e mais consistente de sua concepção e ideologia revolucionária entre os trabalhadores, almejando trazê-los para à ação direta.⁴⁰ Com outras palavras, seria um modo da não exclusão dos ideais libertários no movimento operário e a tentativa de uma politização entre estes.

É interessante notar que nesse caso, percebemos um tipo de *dualismo organizacional* onde o periódico seria um agrupamento essencialmente anarquista e as preposições libertárias seriam claramente assumidas e praticadas, mas ao mesmo tempo, o mesmo grupo agia dentro dos sindicatos e espaços operários considerando sua unidade neutra de organização entre os próprios trabalhadores, mas sem deixar de realizar sua militância.⁴¹

Não está sendo afirmado que houve uma recusa ideológica por parte dos redatores, o fato que quero colocar aqui é que os anarquistas em *A Lanterna* e mais tarde em *A Plebe* não estavam isolados da luta do período, ao contrário, sua escolha pelo sindicalismo revolucionário estava sendo usada como estratégia entre os libertários em nível internacional, como proposta por Malatesta. O tom das colunas, às vezes “imparcial”, revela uma tática de militância que tinha como objetivo uma maneira assertiva para adentrar o movimento operário. Isso continuou em *A Plebe* de maneira reforçada e apresentou uma militância expressiva frente às mobilizações de 1917 a 1920.

Dessa maneira, em *A Lanterna* é evidente que Leuenroth, quando assumiu sua direção, não almejava perder seus antigos leitores já conquistados pelo periódico, por isso intercalava notícias sindicais com a denúncia anticlerical, buscava progressivamente e

³⁹ Ver SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o Mundo Inteiro. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos*. Lisboa: Letra Livre, 2009. p. 161

⁴⁰ VENZA, Claudio. “O Anarco-Sindicalismo Italiano Durante o “Biennio Rosso” (1919-1920)”. IN: COLOMBO, Eduardo (org). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 222.

⁴¹ Sobre o dualismo organizacional e as formas de organização dos anarquistas frente ao sindicalismo ver: CORRÊA, Felipe. “Questões organizativas do anarquismo”. In: *Espaço Livre*. Vol. 8 num. 15, jan. jul./2013. p. 33-48.

estrategicamente politizar, em uma perspectiva revolucionária, os diferentes grupos para a ação direta.

Considerando esse tipo de estratégia política, é bastante compreensível entender como *A Lanterna* foi um importante periódico e conhecido entre muitos militantes, operários e anticlericais em geral. Não obstante, se de um lado, tal periódico foi bastante popular no qual convergiam grupos em alguns meios, de outro, foi alvo da perseguição por parte da imprensa direitista e pela polícia que o viam como um desvio da ordem e como afronta das relações de poderes estabelecida⁴².

Rodrigo da Silva argumenta que:

Por mais tensas que possam ter sido, as relações entre o Estado e a Igreja em alguns períodos da nossa história, principalmente nos primeiros anos após a proclamação da República, o clero sempre procurou a acomodação com o Estado. Defendendo a obediência, a subserviência e o respeito à hierarquia, aliados as suas práticas sociais paternalistas e à sua atuação no meio sindical, a Igreja colaborou no processo de exclusão da Primeira República, e conseguiu reconquistar alguns de seus privilégios, restabelecendo, afinal, o poder que desfrutava na sociedade.⁴³

Podemos afirmar que o periódico em questão representava uma crítica densa para muitos setores da sociedade quando pensamos em sua ação anticlerical. Esse tom, potencialmente ameaçador, começava aumentar ainda mais quando *A Lanterna* foi se tornando um periódico de mobilização e caráter grevista.

Conclusão

Ao reconstruir a trajetória da construção do periódico anarquista *A Lanterna* e dos temas que os redatores abordavam ao realizarem sua militância, foi possível evidenciar algumas importantes articulações políticas exercidas no período da Primeira República no Brasil que visavam uma mudança ou a destruição do sistema político e econômico do período. Nesse sentido, o periódico em questão não foi apenas o resultado de apropriações culturais como faz crer algumas interpretações que o analisaram, mas apresentava justificativas ideológicas e políticas de caráter internacional e ao mesmo tempo dialogavam com necessidades concretas e locais, bem como articulações sindicais práticas.

⁶² SILVA, Rodrigo Rosa da. "As ideias como delito: a imprensa anarquista no DEOPS-SP (1930-1945)" In: DEMINICIS, Rafael; FILHO, Daniel Aarão Reis (org.). *Op.cit.* pp. 113-132

⁶³ Idem p. 119.

Embora declarado com uma função específica anticlerical, uma análise minuciosa de suas colunas, evidencia como esse vetor comunicacional também obteve uma experiência sindical significativa almejando politizar os leitores para o incentivo à ação direta. Dessa maneira, se de um lado, os redatores militantes anarquistas, através do periódico, se aproximavam dos trabalhadores e militantes em muitas das suas vertentes, de outro, almejavam que esses se aproximassem do anseio que tinham por um mundo completamente liberto e novo.